A Cultura Xerente e a Influencia da Mídia no Redimensionamento dos Contextos Interativos na Aldeia Porteira no Tocantins[1]

Ana Carolina Costa dos ANJOS [2]
Camila Komatsuzaki FRAGA [3]
Adriana Tigre Lacerda NILO [4]
Universidade Federal do Tocantins – TO

Resumo

Este trabalho faz uma analise das interferências da mídia no modo de vida dos nativos da aldeia Porteira, etnia Xerente no Tocantins. Parte do pressuposto de que as novas formas de interação, advindas do desenvolvimento dos meios de comunicação, criam paradoxos socioculturais, tais como os vividos pelos habitantes desta comunidade. Este cenário se configura em um processo de reorganização de cada um dos contextos interativos vivenciados no dia a dia da aldeia. Supõe-se, desta forma, que suas tradições e valores culturais sejam redimensionados pelo usufruto dos aparatos tecnológicos de comunicação, influenciando também o que tange o conceito de imagem, desde as fotos como registro documental do cotidiano, até o seu efeito simbólico na construção da identidade indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Contextos interativos; mídia; tradição; imagem.

Introdução

A modernidade assistiu a emergência e ao acelerado processo evolutivo dos meios de comunicação. Seja no âmbito particular ou massivo, essas "novas" tecnologias transgrediram as barreiras limítrofes do espaço e do tempo transformando as relações sociais e reorganizando-as conforme progredia a tecnologia. O surgimento dos novos meios de comunicação transformou o âmbito social em vários aspectos, influenciando o cotidiano dos indivíduos, e ampliou os contextos interativos que inicialmente se limitavam à relação presencial, ou seja, interação face a face. O advento destas formas de comunicação proporciona uma constante reorganização dos padrões de interação social, conforme defende Thompson (2008, p.77) ao argumentar que: "[...] o

[1] Trabalho submetido ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região realizado de 27 a 29 de maio de 2010 Centro Oeste. com base em uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na Universidade Federal do Tocantins;

[2] Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. Email:caroldosanjos23@gmail.com;

[3] Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins.Email: camilaorion@gmail.com;

[4]Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFT. Autora do projeto de pesquisa e orientadora da Iniciação Científica.Email: adrianatln@mail.uft.edu.br

desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais". Para determinados grupos, no entanto, as transformações sociais, mediante a introdução dessas tecnologias, estão ocorrendo num processo gradativo, visto que o acesso aos meios de comunicação é incipiente. Assim, a reorganização sociocultural, pela agregação destes meios ao seu cotidiano, ainda não está consolidada.

Embora fosse a pesquisa de caráter primordialmente qualitativo, utilizamos técnicas comuns à pesquisa quantitativa, a exemplo da tabulação dos dados oriundos da aplicação de questionários, cujo objetivo era obter um levantamento das atividades realizadas na aldeia e do tipo de contato dos índios com a mídia. No que diz respeito às entrevistas com lideranças desta comunidade indígena, seguimos dispositivo teórico-metodológico da História Oral, com base no qual foi possível encontrar uma forma mais adequada para abordar os representantes da chamada memória coletiva, bem como entender o valor histórico de tais narrativas.

O procedimento desta metodologia, segundo definição de Alberti (2004, p.77) consiste na "gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas […] e modos de vida". Conforme dissemos anteriormente, a pertinência da adoção da metodologia da História Oral nesta pesquisa deve-se ao fato da comunidade estudada ser tradicionalmente baseada na oralidade e, ainda, a memória configurar-se numa fonte fundamental para este trabalho. Alternamos as etapas da pesquisa entre visitas à aldeia Porteira e a sistematização e análise dos dados, realizadas fora deste contexto, confrontando os resultados parciais à discussão de caráter teórico[5]. Adotamos também, no primeiro contato com a comunidade estudada, o método da "observação participativa", que nos orientou na contextualização da comunidade acerca dos objetivos desta pesquisa, servindo também para nos integrar no ambiente estudado.

A pesquisa, ora em andamento, tem como objetivo principal analisar, na aldeia Porteira, o dimensionamento dos seguintes contextos interativos: o de caráter dialógico co-presencial, ou seja, face a face; o mediado, que se estabelece através do uso de recursos técnicos; ou quase mediado, cuja interação ocorre, de forma estendida no

[5] Segundo Günther (2006, p.203), "O contraponto feito entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa é o de estudar um determinado fenômeno no seu contexto natural versus estudá-lo no laboratório";

tempo e no espaço, com mediação dos meios de comunicação de massa. Esta última, especificamente, envolve a produção e recepção de bens simbólicos (Thompson, 2008).

Nesta cultura considerada particular[6], a aldeia Porteira da etnia Xerente, os índios convivem com o paradoxo da tradição e o acesso aos aparatos tecnológicos. Nos dias atuais ainda cultivam as suas tradições, concomitantemente ao usufruto cada vez maior das novas tecnologias e dos meios de comunicação de massa. Esta conjuntura sociocultural constitutiva dos contextos de interação mediada e da quase mediada consubstancia o que Thompson (2008) afirma ser a nova ancoragem da tradição. Ou seja, para o citado autor a mídia não ocasiona o desaparecimento das diversas formas de tradição[7], mas, ao contrário, contribui para o fortalecimento e para novas formas de manutenção de tais valores.

A comunidade da aldeia Porteira no contexto geral indígena

O processo de formação do povo brasileiro e sua respectiva brasilidade são oriundos da miscigenação entre as etnias indígena, africana e européia, e é de extrema relevância conhecer traços fundamentais da realidade brasileira, ainda pouco estudados em cinco séculos de história. (BERNA, 2001). Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores[8];

> [...] hoje, no Brasil, vivem cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,25% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera tão-somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Há também 63 referências de índios ainda não-contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista. (texto eletrônico- www.mre.gov.br/português/ noticiário).

Ainda de acordo com este site governamental:

> A maior parte das sociedades indígenas que conseguiram preservar suas línguas vive, atualmente, no Norte, Centro-Oeste e Sul do Brasil. Nas outras regiões, elas foram sendo expulsas na medida em que a urbanização avançava". (texto eletrônico- www.mre.gov.br/português/ noticiário).

[6] Cultura Particular, segundo Wolton (2004), "As *culturas particulares*: antigamente incluídas na cultura popular, tendem a distinguir-se em nome do direito à diferença (mulheres, regiões, minorias). Embora não alcancem volumes consideráveis, ainda assim questionam a cultura *popular* na medida em que essa não tem mais o monopólio da legitimidade popular nem o poder de integração simbólica que eram seus antigamente." (WOLTON, 2004, p.164)

[7] Thompson define quatro diferentes aspectos da tradição, sendo eles o aspecto hermenêutico, normativo, legitimador e identificador (2008, p. 163);

[8] www.mre.gov.br/portugues/noiciario. Acesso em: 14 maio 2009.

Segundo a tipologia de Galvão (1959) apud Ribeiro (2001, p.26- 27), Tocantins-Xingu é apresentada como uma das onze áreas culturais, identificadas pela designação geográfica[9]. No Tocantins, especificamente, existem sete etnias indígenas: Apinaye, Ava-Canoeiro, Guarani, Javae, Karaja, Kraho e Xerente, que totalizam uma população de 7.193.

Neste cenário, a comunidade Xerente se enquadra com uma população de aproximadamente 2.841 índios, distribuídos em 57 aldeias. O limite territorial data de 1838, todavia sua demarcação final aconteceu em 1991, segundo Giraldin (2002). A aldeia Porteira localizada a 18 km da cidade de Tocantínia, está à margem direita do rio Tocantins, a 80 km da capital. É constituída por cerca de 300 índios agrupados em 56 famílias, cujas casas são feitas de barro ou alvenaria e cobertas com palha.

A etnia Xerente se insere ao que Ribeiro (apud Ribeiro, 2001) denomina "grupos de contato permanente", que são "as tribos que, embora conservem certos elementos da tradição ancestral, como a língua, a cultura material e outros, dependem do fornecimento de bens da civilização, aos quais se habituaram e de que não mais podem prescindir". (RIBEIRO, apud RIBEIRO, 2001, p. 27-28).

Os índios da aldeia Porteira vivem de pesca, do "roçado de toco", artesanato feito a partir de sementes, penas, e do artesanato à base de capim dourado e buriti. Além dos costumes oriundos das tradições hermenêuticas, presentes no cotidiano dos nativos desta aldeia, tais como as atividades mencionadas acima, observa-se gradativamente a inserção da tradição identificadora, no que se relaciona à audiência aos meios de comunicação de massa. As casas têm aparelhos de rádio e televisão. No seu espaço coletivo, a aldeia dispõe também de um rádio amador anteriormente usado para a comunicação com as demais aldeias, o que indica a adesão a novas formas de comunicação, advindas da sociedade não índia, com a qual partilham, cada vez mais, hábitos e valores.

O contato permanente desta comunidade com a sociedade não-índia e a conseqüente inclusão de aparatos midiáticos, tais como a máquina fotográfica e telefones celulares multifuncionais, em seu cotidiano, também tem agregado novos

[9] Subdivididas nas seguintes áreas 1.Norte- Amazônia, 2.Juruá-purús, 3.Guaporé, 4.Tapajós-Madeira, 5.Alto-Xingu, 6. Tocantins-Xingu,7.Pindaré-Gurupi, 8.Paraguai (Chaco),9.Paraná, 10. Tietê-Uruguai e 11.Nordeste.

valores culturais às novas gerações da comunidade em questão. Este fato propicia uma reconsideração das formas de construção da auto-imagem pelos próprios índios. Os conceitos de identidade e imagem (em alguns momentos tidos como sinônimos) estão se transformando em função da incorporação destes valores gradativamente assimilados pela a influência da cultura não-índia.

Trataremos, enfim, das divisões conceituais entre as diferentes camadas etárias sobre este fenômeno de reconsideração da imagem (em termos literais e simbólicos) nesta comunidade, levando em conta as particularidades culturais deste grupo étnico.

Os Xerentes e a nova ancoragem da tradição

Assim como as demais etnias indígenas remanescentes no Brasil, os Xerentes da aldeia Porteira passaram por várias transformações culturais ao longo dos séculos (Schroeder, 2006) desde a colonização. A constante e decrescente delimitação de seu habitat, o contato com a sociedade não índia, e a "gramatização" de seu idioma – ou seja, a formulação gráfica e organização gramatical da língua Akwén[10] – são apenas algumas das mudanças culturais do *ethos*[11] indígena em muitos aspectos sócio-culturais, como foi observado no primeiro contato.

Os nativos ainda preservam a tradição oral através da narrativa com seus mitos e lendas, entretanto, dividem o tempo designado a esta e outras atividades com o usufruto dos meios de comunicação de massa, constituindo, desta forma, o que Thompson (2008) denomina a nova ancoragem da tradição. Na atual conjuntura o ato de assistir televisão é comum, de maneira que todos já tiveram ou têm contato com esse veículo

A forma de assistir televisão na aldeia é semelhante a que acontece com a sociedade não índia, ou seja, individual ou em família. Cada família dispõe, assim, de aparelhos próprios ou do empréstimo, comportamento comum ao das células da sociedade moderna e capitalista. Não existe, nesse caso, uma audiência coletiva em um local comunitário, a exemplo do pátio - comumente reservado pela cultura indígena para as atividades de artesanato ou pintura corporal, conforme predominava, até pouco tempo, na maior parte das comunidades indígenas.

No que diz respeito à relação "programa preferido *versus* público desta audiência", constatamos o seguinte: os programas mais assistidos pelo público

[10] A língua Akwén é um dialeto ágrafo pertencente à família Jê que é, por sua vez, uma subdivisão do Tronco lingüístico Macro-Jê (MONTSERRAT 1998, p. 96);
[11] O termo aqui é entendido conforme defende Certeau (1980), como sendo um determinado modo de ser e estar no mundo;

masculino são os noticiários e os jogos de futebol, já pelo público feminino são as novelas e no caso do público infantil são os desenhos. De modo geral, programas de cunho jornalístico e de entretenimento são os mais assistidos, o fato que pode vir a ser bastante relevante quando consideradas as motivações que levam a este comportamento.

Ao serem questionadas sobre o por quê de assistirem a tais programas, as respostas foram no sentido de que precisavam obter mais notícias do que está acontecendo fora da aldeia ou simplesmente para se divertirem. Embora não seja o objeto de estudo deste artigo vale ressaltar que o processo de recepção da mensagem aponta indícios de uma ocorrência randômica. Diante desta constatação, a observação feita por Wolton (2004), ao refletir sobre o alcance da televisão e a compreensão do público, é elucidativa. Segundo o autor

> [...] a mesma mensagem dirigida a todo mundo não é recebida da mesma maneira por todos. Justamente porque os espectadores, independentemente da sua capacidade crítica, não vivem de maneira. As diferenças de contexto têm influência sobre a recepção dos produtos. E a questão clássica é menos de saber o que as mídias fazem dos públicos do que o que o público faz com as mídias [...]. A homogeneidade da mensagem não impede a heterogeneidade da recepção. (WOLTON, 2004, P.143).

Assim, entende-se que o fato da mesma mensagem ser reproduzida para o grande público não garante que todos a entendam de modo igual, pois variam as condições sociais de recepção, nas quais se insere a subjetividade humana.

Com relação à audiência de outras mídias, a utilização do rádio também é recorrente. Entre as programações preferidas encontram-se entre o futebol e o noticiário. Os índios não utilizam a internet, nem mesmo o computador. Este contato é limitado aos alunos que freqüentam a escola (que no momento da pesquisa de campo estava sem acesso à internet) ou a pessoas que tem outros vínculos institucionais, como é o caso do vereador Alexandre Xerente. Quanto ao uso do aparelho celular, este não é comum dentro da aldeia.

Através da observação, documentação e analise realizados até o momento, percebemos que na aldeia Porteira, da etnia Xerente, os contextos interativos vivenciados pelos índios vêm se transformando. A cultura indígena está passando por uma aparente transição histórica e, esse processo de transição pode representar a "mesclagem" de valores indígenas oriundos de sua tradição hermenêutica com novos valores de uma tradição identificadora que tem emergido dado ao acesso pelos meios

massivos de comunicação, e pelo contato cada vez mais intenso com a sociedade não índia.

As referidas mudanças incidem principalmente nas interações face a face (presenciais), aonde são vivenciadas as tradições de aspecto hermenêutico[12]. Destas tradições advém um conjunto de conceitos tomados como referência, que são pertencentes à cultura na qual se insere os seus integrantes. Tais conceitos e valores pertinentes à memória coletiva, predominantemente vivenciados através da narrativa e da oralidade, de forma lenta e casual, passam a acontecer também por meios de comunicação técnicos, como o rádio-amador e o telefone, ou pelos meios de comunicação de massa, a exemplo do rádio e da televisão.

A fotografia no conceito da imagem simbólica

A sociedade hoje assiste a uma transposição cultural das imagens técnicas no que tange à comunicação (Flusser, 2008). A imagem (o registro fotográfico), ferramenta de comunicação indispensável na sociedade em que vivemos, constitui hoje um potencial artifício de auto-afirmação e destaque em espaços virtuais, graças aos avanços tecnológicos e popularização dos meios técnicos nesta área. Esta "mania digital" tem influenciado pouco a pouco determinada faixa etária entre os nativos da aldeia Porteira, dado o seu contato direto e incisivo com a sociedade não-índia. Esta prática tem sido assimilada gradativamente por eles, agregando-se novos valores à imagem, seja literal ou simbólica e identificadora do *"eu"* indígena, junto aos conceitos pré-concebidos neste aspecto.

Usaremos aqui o termo "coleção" para referir à prática de materialização/impressão e arquivo dos registros fotográficos, já que, com a adesão aos recursos digitais, pouco se vê entre eles o armazenamento material - ou seja, impresso - de registros fotográficos, salvo as fotografias oficiais que marcam a formação escolar dos familiares que muito frequentemente são dispostas nas paredes de suas casas. Este é, aliás, um ritual típico da sociedade não-índia, assimilado pelos nativos Xerente.

Barthes (1984) defende a tese que a fotografia depende intrinsecamente de seu um significante, seu referente para que ela possa existir Assim, além da imagem gráfica e reconhecível evidenciada pela fotografia e o que ela significa pela forma como é composta são elementos distintos, mas que não se separam.

[12] Dentro da perspectiva da História Oral, segundo Dilthey apud Alberti "[…] consiste em valorizar o movimento de se colocar no lugar do outro para compreendê-lo e em acreditar que as coisas [...] têm um sentido latente, ou profundo, a que se chega pela interpretação".

Na sociedade não-índia, a imagem representativa (em termos simbólicos) está diretamente relacionada com a imagem literal materializada tecnicamente, como uma forma de projetar-se no mundo como ser existente. Esse é um índice histórico desta cultura na qual os registros sempre estiveram presentes. Os valores culturais dos Xerentes, no entanto, estão mais relacionados à imagem simbólica, transmitida diretamente pelo seu *"ethos"*, baseados no que a memória pode reproduzir materialmente a qualquer momento.

A dicotomia está, portanto, justamente no conceito de imagem enquanto representação simbólica; e o significado e valor atribuídos à imagem em termos literais (material), propiciada pelos meios técnicos para os indivíduos da comunidade estudada. Este juízo sobre a imagem formado pelos índios difere entre as gerações, dada a divergência de valores acerca do assunto.

O interesse para com estes meios tecnológicos das gerações mais velhas caminha em sentido oposto ao da geração mais jovem e envolvida diariamente aos valores típicos da sociedade não-índia que, por esta razão, vivencia mais intensamente as infinitas opções proporcionadas pelos meios tecnológicos de comunicação.

A necessidade de um conhecimento prévio para se manusear determinadas tecnologias (Thompson, 2008), confere uma barreira, afastando o interesse dos mais velhos, além da força de suas convicções tradicionais, mais fortemente presentes nesta camada etária. As crianças neste panorama representam a camada mais propensa a assimilar estes costumes futuramente, visto que o contato com a sociedade não-índia é crescente. Os adultos dividem-se entre mais ou menos interessados, dependendo de seu grau de contato com a sociedade envolvente. Assim sendo, daremos maior ênfase às camadas preservativas dos conceitos tradicionais e os que representam a camada familiarizada com os novos aparatos tecnológicos.

Para os anciãos, devido às suas convicções tradicionais, o conceito de imagem é entendido enfaticamente pelo valor simbólico e representativo de sua identidade. A imagem é, destarte, atrelada às formas simbólicas dos mitos, das técnicas de artesanato e da pintura corporal (Da Silva, 1998; Heidegger e Gadamer, apud Thompson, 2008), guardados tão somente na memória e perpetuados através da oralidade. Ela tem para eles um valor simbólico que transcende o registro técnico.

Para os mais jovens os usos da imagem (em termos literais), ou seja, o registro concebido na máquina fotográfica ou celular foi assimilado da cultura não-índia, sendo também uma forma de reforçar sua auto-imagem, ou de registrar algo inédito, só que em

intensidade bem menor. Embora não tenham, aparentemente, o hábito de colecioná-las, alguns se mostraram bastante familiarizados com esta forma de registro. Sua noção de imagem, no entanto, não se desvencilha totalmente do que é natural de suas convicções tradicionais. Ao que se percebe, a imagem construída em termos simbólicos, atrelada à identidade indígena Xerente é associada à pratica da imagem literal passada através dos registros técnicos.

A pintura corporal, por sua vez, é uma forte característica cultural desta comunidade cultuada por todos e prova da perpetuação da representação imagética de sua cultura. Trata-se de uma representação artística e elucidativa da identidade Xerente que, acima de tudo, situa os indivíduos em seu contexto social (Geertz, 1986 apud Velthem). Velthem (1998, p.87), complementa ainda que deste indicador estético "[…] sobressaem aspectos cognitivos importantes como a noção de pessoa", tal como o clã pertencente, cujo significado compõe a identidade e a imagem de si próprio para si e para os outros.

Configura-se, assim, na auto-imagem (em termos simbólicos) que se limita materialmente a um curto período de tempo – enquanto perdura a tinta – mas que perpetua na memória, sendo as técnicas de pintura transmitidas de geração em geração. Levando em conta o fato de que se baseiam tradicional e unicamente na memória e na transmissão oral para a perpetuação de sua cultura, percebe-se que a pintura corporal é uma forma um tanto peculiar de representação de sua imagem e identidade Xerente, seguindo suas tradições.

Ainda com relação à simbologia da imagem, observamos que mesmo havendo, entre os índios, a incorporação dos registros imagéticos, típicos da cultura não-índia, os valores oriundos da tradição Xerente permanecem sendo cultivados entre as gerações atuais da aldeia Porteira. Neste sentido, vale enfatizar que, embora muito timidamente, percebe-se o acompanhamento de uma camada desta comunidade às tendências tecnológicas típicas da sociedade envolvente.

Sabemos que a formação da identidade – neste caso como auto-imagem dos próprios índios – bem como a imagem que a sociedade não-índia forma da cultura indígena é significativamente baseada na vivência e/ou interpretação dos registros que documentam *"ethos"* dos índios.

Considerando que tais registros têm ampla forma de manifestação visual, tais como a fotografia e a gravação em vídeo, a imagem (em termos literais) serve de base à formação da imagem (em termos simbólicos). Isto significa que o material produzido

sobre os índios, seja tecnicamente elaborado por eles ou não, interfere tanto na auto-imagem dos índios, quanto na imagem que a sociedade não-índia constrói acerca da realidade indígena.

Neste artigo, todavia, analisamos a importância atribuída pelos próprios índios e a estes recursos imagéticos, hoje até certo ponto assimilados por eles, cabendo a um próximo trabalho a discussão das formas de recepção destas imagens. Pelo contato e influência constante com a cultura alterna, os indivíduos representantes da camada jovem da comunidade e alguns adultos, bem como as crianças em um futuro próximo, estão mais predispostos a assimilar costumes não-índios que, a priori, não remetem a valores da tradição hermenêutica indígena, mas passam a ter sentido e a serem cultuados gradualmente por esse segmento.

Ressaltamos que a força da cultura incentivada pelos mais velhos, por sua vez, não permite amainar ou se extinguir os valores culturais acerca da representação simbólica de sua identidade que, para eles, concebe o conceito de imagem.

Conclusão

Pelo que foi possível analisar até o presente momento sobre a influência da cultura não-índia, através da agregação dos novos meios de comunicação na Aldeia Porteira, constatamos que muitas famílias já aderiram a certos costumes da cultura não-índia. A audiência à mídia televisiva e ao rádio, em alguns casos, e o uso de telefones celulares multifuncionais que possibilitam a comunicação entre eles e também para outros fins, tal como o registro fotográfico elucidam esta influência.

Observamos, de maneira geral, mediante a metodologia aplicada, que há certa indiferença quanto ao conteúdo transmitido nos meios de comunicação de massa. Aparentemente, trata-se de um hábito consolidado pelo interesse coletivo, ou seja, pela informação dentro do convívio social dos habitantes da própria aldeia; e não tanto pela associação das ocorrências externas ao contexto interno da comunidade.

Isso não significa dizer, contudo, que o interesse destes espectadores para com o conteúdo da programação oferecida seja nulo, ou que a recepção aconteça de forma homogênea. Trata-se de uma disparidade entre o conteúdo e o contexto de recepção, já que o direcionamento temático dos programas da TV aberta diz respeito a uma realidade social que não os contempla.

As preferências quanto ao gênero dos programas são bastante similares às existentes na sociedade não-índia, havendo divisões de gênero e idade. Mulheres em

geral assistem a programas mais direcionados para o entretenimento, mas, ao mesmo tempo, trabalham em seu artesanato e conversam entre si. Isso valida, de certa forma, a hipótese formulada sobre a informação exterior a aldeia, a serviço das comunicações internas.

Neste sentido, percebemos que a mídia atua como fonte de assuntos cotidianos, de modo que as informações veiculadas por ela são pautadas no contexto interativo face a face entre os nativos desta comunidade. Homens e jovens demonstram preferência pelo o esporte e assuntos mais relacionados ao jornalismo. Há certa necessidade de se obter informações evidenciadas por eles e estas informações são estendidas ao contexto interativo face a face enquanto assistem, ainda que não tenham uma compreensão plena das informações recebidas.

Num paralelo entre a assimilação das mídias computador, TV, rádio, filmadora, câmera fotográfica e mídias gráficas (tais como revistas e jornais), é notável a preferência à mídia TV em relação às demais. As mídias gráficas são as menos recorrentes, provavelmente pelo fato desta cultura ser genuinamente ágrafa.

Percebemos, ainda, uma lenta tentativa em agregar o computador entre os mais jovens, mas tanto o acesso quanto a técnica necessária para o manuseio do mesmo ainda é bastante limitada entre as famílias entrevistadas. Este fato delineia a suposição de que as novas gerações estão e processo de assimilação dos aparatos tecnológicos, bem como as respectivas formas de uso, advindos da cultura não-índia.

Neste contexto, percebemos a mudança de hábitos no que diz respeito a uma disponibilidade menor dos mais jovens para ouvir as lendas, contos e mitos narrados pelos chamados "guardiões da memória"[13]. Constatamos, assim, que parte do dilema da geração mais nova está, inicialmente, na decisão de como mensurar que valores tradicionais da cultura devem ser mantidos na forma da tradição hermenêutica, transmitido de geração em geração, e quais começam a ser adquiridos de outra forma, através do acesso aos recursos tecnológicos e à mídia. Em decorrência disso, outro fenômeno apresenta-se, notadamente para este segmento, que é a possibilidade de obter conhecimentos, de modo geral, que não advém tão somente dos seus ancestrais, mas de variadas fontes de informação, relativas a outros contextos interativos . Ou seja, os índios podem ter conhecimento, tanto acerca da cultura indígena quanto de outro tema,

[13] Pessoas que, segundo Gomes (1996), pela vivência adquirem representatividade para narrar a história da sua comunidade.

por outras fontes de informação, distendidas no tempo e no espaço, além das fontes vivenciadas presencialmente.

Quanto aos valores simbólicos relativos ao cultivo das imagens literais (ou reproduções imagéticas) como instrumento para a formação da identidade, pode-se dizer que as "facilidades" tecnológicas não sobrepõem nem substituem os conceitos tradicionalmente estabelecidos, mas se fazem presentes no cotidiano, principalmente dos jovens. Os anciões, por sua vez, por terem um conceito já formado sobre a imagem e suas formas de representação, tendem a ser mais resistentes neste sentido.

Estes conceitos tradicionais da cultura Xerente sobre a imagem diferem daqueles propiciados ou gerados a partir das fotografias, pois a imagem da pintura corporal, bem como a representação dos mitos, fazem alusão â identidade indígena. A imagem, desta maneira, é entendida pelo seu sentido simbólico e representada no *"ethos"* indígena, sendo que o valor representativo supera a imagem materializada do registro.

Esta última observação, sobre os conceitos de imagem que os índios têm sobre eles mesmos, não é deve ser entendida ainda como um traço marcante e totalmente definido. Porém, evidencia importantes indícios da alteração no comportamento indígena e nos conceitos polissêmicos que passam a formular sobre a imagem, seja esta literal, em forma de fotografia, ou simbólica, que remete aos seus possíveis significados, com base nos quais índios compreendem a realidade indígena.

As questões levantadas neste artigo foram embasadas em uma pesquisa de Iniciação Científica, que se encontra em andamento, e não pretende consumar-se aqui em conclusões, mas fomentar as discussões a respeito da transformação dos processos comunicativos protagonizados na comunidade indígena mediante a inclusão cada vez maior dos meios tecnológicos de comunicação.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2004.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FLUSSER, V. *O universo das imagens técnicas: Elogio da superficialidade.* São Paulo: Annablume, 2008.

GERALDIN, O; SILVA. C. A. *Ligando Mundos: Relação entre Xerentes e sociedades circundantes no século XIX*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia, Belém, v.18 nº1, 2002.

GOMES, Angela de Castro. *A guardiã da memória*. Disponivel em**:** http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/538.pdf> . Acesso em 05 out 2009.

RIBEIRO, Berta Gleizer. *O Índio na História do Brasil*. São Paulo, Global editora, 2001.

SCHROEDER, Ivo. *Política e parentesco nos Xerente*. São Paulo: USP, 2006. 303 p. Dissertação –Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade - uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ:Vozes,1998.

WOLTON, Dominique. *Pensar a Comunicação*. Tradução: Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora UNB, 2004.

Pesquisas eletrônicas

O índio Hoje. Disponível em www.mre.gov.br/portugues/noticiario. Acesso em: 14 maio, 2009.